



CONTRIBUIÇÃO DA FORMAÇÃO CONTINUADA PARA UMA EDUCAÇÃO DE QUALIDADE

Contribution of continuing training to quality education

Ametista de Souza Santos¹

Carla de Souza Santos Gonçalves²

Resumo

Neste memorial apresento minha jornada acadêmica e profissional, ressaltando meus avanços e perspectivas na profissão docente até meu ingresso no curso de especialização, bem como, minhas mudanças e crescimento acadêmico a partir das contribuições advindas da minha participação nesta pós-graduação: Gestão de Projetos e Formação Docente, realizado no Cemeja Samuel Isaac Benchimol. Apresento o projeto formativo desenvolvido na escola com estudantes, jovens e adultos numa perspectiva emancipadora, gerando projetos de aprendizagens surgidos numa relação interdisciplinar orientados por oficinas formativas realizadas durante este período. Para tal, utilizarei os meus registros escritos, imagéticos e a bibliografia trabalhada durante a formação.

Palavras-chave: EJA; Formação continuada; Decolonialidade.

Abstract

In this memorial i present my academic and professional journey, highlighting my advances and perspectives in the teaching profession until my entry into the specialization course, as well as my changes and academic growth based on the contributions arising from my participation in this postgraduate course: Project Management and Teaching Training, carried out at Cemeja Samuel Isaac Benchimol. I present the training project developed at the school with students, young people and adults from na emancipatory perspective, generating learning projects that emerged in na interdisciplinary relationship guided by training workshops help during this period. To this end, i will use my written and imagery records and the bibliography worked on during training.

¹ Graduada em Letras – Língua e Literatura Portuguesa (UFAM). Pós-graduanda em Gestão de Projetos e Formação Docente (UEA/SEMED)

² Mestre em Ciências da Educação (UNIDA – PY). Professora formadora das Oficinas de Formação em Serviço (DDPM/SEMED). Graduada em Educação Artística com ênfase em Desenho (UFAM). Especialista em Gestão e Docência do Ensino Superior (UNICEL). E-mail: carlasantosg.artes@gmail.com



Keywords: EJA; Continuing training; Decoloniality.

Considerações iniciais

O cérebro humano tem a capacidade de armazenar e depois acessar informações. A memória nos ajuda a compreender nossa realidade atual. Nesse sentido, relembrar como abracei essa profissão é essencial para entender a minha prática pedagógica.

Meu nome é Ametista Santos, a quarta filha de uma família de 7 irmãos. Essa grande família é resultado da união de dois jovens do interior do Amazonas, que não tiveram a oportunidade de estudar quando crianças e por isso sempre incentivaram seus filhos a buscar crescer por meio dos estudos. Tiveram êxito em tal tarefa, pois todos nós, exceto o nosso sexto irmão, que encerrou sua caminhada nesse plano precocemente, concluímos o ensino superior e continuamos buscando o desenvolvimento por meio da educação. Meus pais sempre acreditaram que a educação era o único caminho. Sou grata a eles por isso.

Minha infância foi feliz. Não tínhamos fartura, mas tínhamos uns aos outros e isso era suficiente. Meu pai sempre trabalhou viajando, então minha mãe era a figura mais presente e que acompanhava mais de perto nossa vida escolar.

Morávamos na zona Centro-Sul de Manaus e lá comecei minha vida escolar na Escola Estadual Djalma da Cunha Batista, localizada na zona Sul da cidade, onde cursei da 1ª até a 8ª série do Ensino Fundamental. Era uma ótima escola e tinha professores que sempre foram dedicados a proporcionar o melhor ensino a seus alunos.

Em 1998 comecei o Ensino Médio, que foi cursado integralmente na Escola Estadual Ondina de Paula Ribeiro. Confesso que nesse período não me imaginava como professora, na verdade queria ter uma formação, já que meus pais não tiveram oportunidade de dedicarem-se aos estudos quando eram jovens, mas sempre



incentivaram seus filhos a estudar, pois vislumbravam a possibilidade de melhoria de vida por meio dos estudos.

No final do Ensino Médio, já havia despertado em mim esse interesse pela área da Educação. Alguns professores que trabalhavam de forma dedicada, plantaram essa sementinha na cabeça daquela jovem estudante. Mesmo assim, não comecei imediatamente os estudos nessa área. Fiz um curso técnico na ETFAM, na Escola Técnica Federal do Amazonas, atualmente chamada de Instituto Federal do Amazonas (IFAM). Analisando em retrospectiva, percebo que fiz isso para conseguir um emprego no Distrito Industrial de Manaus, a fim de conquistar minha autonomia financeira em relação aos meus pais, mas na verdade nunca trabalhei nessa área.

Minha primeira atividade profissional já foi voltada para área da educação, pois trabalhei na secretaria de uma escola particular do bairro onde morava. Lá, tive o contato mais próximo com essa realidade, não como cliente, mas como prestadora do serviço. Era uma escola que abrangia do maternal ao nono ano e logo percebi não ter nenhum interesse em trabalhar com os anos iniciais do Ensino Fundamental, era muita responsabilidade e as crianças demandam uma atenção constante. Não que os anos finais sejam mais fáceis, mas os alunos são um pouco mais autônomos.

Em 2008 ingressei na Faculdade de Letras Língua e Literatura Portuguesa da Universidade Federal do Amazonas. Foi uma jornada cheia de percalços, desafiadora. Trabalhava durante o dia em uma empresa da área de comunicação social, onde estou até hoje, e à noite encarava as 4 horas de aula.

A dificuldade já começava quando tentávamos entrar no ônibus, o famoso Integração da UFAM, sempre lotado nos horários de pico. Era uma verdadeira vitória conseguir entrar. O outro desafio era vencer o cansaço e encontrar tempo para fazer os trabalhos e estudar os conteúdos ministrados durante as aulas. Essa dificuldade muitos outros alunos passaram, mas vencemos. Das disciplinas que estudávamos, sempre me interessei mais pelas voltadas à Literatura, seja amazonense ou brasileira.



Gostava muito dessas aulas, até o cansaço era superado durante as aulas dessa disciplina do professor Guedelha, Nícia, dentre outros.

Ao final do curso, tivemos as disciplinas de estágio em que tive o primeiro contato com a Educação de Jovens e Adultos (EJA) em uma escola na zona Oeste. Gostei muito desse público. Percebi que era a área que gostaria de trabalhar. Por outro lado, também tive contato com alunos do Ensino Médio, e não me identifiquei. Concluindo a graduação, fiz concurso para ingressar na Secretaria Municipal de Educação (Semed), para a qual fui aprovada e comecei a ministrar aulas de Língua Portuguesa para turmas de Ensino Fundamental.

Atualmente, com quarenta anos, 7 deles dedicados ao ensino, olho para trás e percebo o quanto cresci como profissional. Já não me assusto com turmas consideradas “difíceis”, pelo contrário, encaro como desafio que preciso superar. Essa postura é proveniente da participação em algumas formações oferecidas pela Semed, além da convivência com professores com mais bagagem que compartilham suas experiências com os neófitos na profissão.

Meu interesse em participar desta Pós-graduação em Gestão de Projetos e Formação Docente, realizada no Cemeja Samuel Isaac Benchimol, surgiu quando eu ainda estava lecionando nesta escola e a pedagoga informou que a Universidade do Estado do Amazonas, em parceria com a Secretaria Municipal de Educação, ofereceria essa formação in loco.

A característica que mais me atraiu para que eu participasse da especialização foi por esta ser realizada no local onde trabalhamos, levando em consideração a realidade sociocultural da escola. Logo, sendo realizada em serviço, as qualidades e dificuldades específicas da escola estariam em foco, não seria algo somente teórico, abstrato, mas nos levaria a refletir sobre a realidade cemejana.

Nessa linha de raciocínio, este memorial será baseado no conceito de decolonialidade, que representa uma estratégia para superar a lógica imposta por



entidades externas ao contexto regional da educação. Tal lógica, marcada pela colonialidade do saber, tende a silenciar e desvalorizar a produção de conhecimento local, rotulando-a como inferior ou desprovida de valor.

No entanto, é imperativo reconhecer que as práticas pedagógicas engendradas a partir de uma perspectiva decolonial são necessárias para induzir uma transformação significativa em nossa mentalidade e em nossa abordagem pedagógica. Estas práticas objetivas cultivaram novas maneiras de elaborar, refletir e compreender o currículo de formação na Educação de Jovens e Adultos (EJA), bem como em outras modalidades de ensino, fomentando assim um ambiente educacional mais inclusivo.

A busca dessa superação encontra diversos obstáculos, pois essa cultura está enraizada em nosso currículo, em nossa prática, e muitas das vezes não nos damos conta do quanto o que fazemos é descontextualizado, do quanto estamos sujeitos ao que nos foi imposto, há muito tempo, por aqueles que conquistaram nosso território.

O pensamento impregnado de colonialidade está tão enraizado em nossa cultura educacional que é difícil pensar para além dele. Mas se buscamos uma educação transformadora, tanto do ponto de vista científico quanto do ponto de vista social, precisamos encontrar maneiras de superar tais obstáculos.

Caminhos da docência

Minha caminhada na docência se iniciou quando fui aprovada no concurso da Semed e comecei a lecionar na Escola Leonor Uchôa. Nessa unidade tive total apoio da gestão, apoio esse essencial para quem está ingressando na profissão.

Tive momentos de pensar: o que estou fazendo aqui? Não sei se isso acontece com todos, mas a percepção que a realidade da academia é bem diferente do chão da escola estava bem presente nesse primeiro ano. Apesar de toda disposição para trabalhar, mudar a realidade, a falta de experiência pesava bastante. Cresci,



aprendendo como ter domínio de sala e a abordar temas que faziam parte da realidade dos alunos, propiciando uma aprendizagem mais significativa. Ou seja, trabalhava os conteúdos a partir de situações, textos que faziam parte da realidade dos alunos. Dessa forma, o discente constrói conhecimentos novos a partir de experiências vivenciadas por eles.

Segundo Ausubel, se tivesse que reduzir toda a psicologia educacional a um só princípio, diria o seguinte: o fator isolado mais importante que influencia a aprendizagem é aquilo que o aprendiz já sabe, descubra isso e ensine-o de acordo.

Seguindo essa perspectiva, Paulo Freire (2004, p. 56) faz a seguinte afirmação:

É preciso, sobretudo, e aí já vai um destes saberes indispensáveis, que o formando, desde o princípio mesmo de sua experiência formadora, assumindo-se como sujeito também da produção do saber, se convença definitivamente de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção.

Precisamos levar em consideração o conhecimento prévio do aluno, sua cosmovisão a fim de proporcionar ao educando uma possibilidade de aprendizagem mais eficaz.

Nesse primeiro ano, tive experiências marcantes. Como por exemplo, trabalhei a temática da violência e solicitei aos alunos que produzissem um trabalho final para ser apresentado em sala de aula. Poderia ser cartazes, músicas ou representação teatral. Uma das equipes optou por apresentar uma cena onde um usuário de drogas era cobrado pelo traficante e por não ter como pagar foi executado. O que me marcou foi perceber o quão presente essa realidade estava presente na vida daqueles alunos de 11 e 12 anos. Foi tão realista que me impactou profundamente.

A convivência com os colegas professores foi muito tranquila e enriquecedora, eram bem experientes e dispostos a ajudar em minhas dúvidas. Durante meus primeiros anos na escola fui sempre bem acolhida pela equipe escolar e também sempre estive disposta a ajudar, contribuindo da melhor forma com minha classe.



Tive a sorte de ter como primeira gestora uma pessoa que me conhecia desde a minha adolescência, apesar de ter perdido o contato por um longo tempo, isso me trouxe uma segurança, pois era uma mulher extremamente comprometida com a escola, bem preocupada em oferecer o melhor ensino possível aos alunos.

Essa dedicação me tornou uma professora que faz o possível para cumprir prazos em relação a lançamentos de notas, cumprimento de currículo, bem como, cumprimento de meus horários, evitando faltar sem motivo. Não gosto que meus alunos fiquem desassistidos, perdendo aulas sem motivo, possivelmente pela convivência com profissionais comprometidos que tive a honra de partilhar nesse primeiro ano de docência.

Esse começo foi intenso e me define até hoje. Busco manter a mesma dedicação do primeiro ano, mas com leveza, sem desespero. Tenho consciência do meu papel essencial na sociedade, mas também sei que sozinha não faço milagre. Busco plantar a semente da esperança, da mudança por meio dos estudos, consciente que a função da Educação é transformar, libertar. Como diz Freire,

é preciso que a educação esteja – em seu conteúdo, em seus programas e em seus métodos – adaptada ao fim que se persegue: permitir ao homem chegar a ser sujeito, construir-se como pessoa, transformar o mundo, estabelecer com os outros homens relações de reciprocidade, fazer a cultura e a história [...] uma educação que liberte, que não adapte, domestique ou subjuguie (Freire, 2006, p. 45).

Acredito nisso: a educação pode abrir caminhos, transformar vidas, renovar a esperança em quem já não tem fé em si mesmo. Ser educador é plantar sonhos.

A sala de aula como território docente

A sala de aula, hoje, é um lugar onde me sinto bem em boa parte do tempo. Fico muito feliz quando percebo meus alunos interessados em aprender, crescer. É



claro que temos dias ruins, cansativos, improdutivos, mas busco aprender com eles e melhorar a cada dia.

Observo como numa mesma escola as turmas têm diferentes formas de aprender, é desafiador. Como despertar o interesse em aprender na maioria dos alunos? Cheguei à conclusão de que nunca vamos atingir a totalidade de uma turma, mas um aluno alcançado faz uma grande diferença.

Na busca por alcançar o maior número de alunos constatei, ao longo dos anos, que as aulas dialogadas, em que há uma boa interação entre professor e aluno, são mais produtivas. Sobre isso, o diálogo, Freire (2005, p. 91) destaca que:

[...], o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes.

Quando demonstramos respeito e interesse pelo que eles já bem, temos mais sucesso no processo ensino-aprendizagem. Percebi que é possível tornar as aulas mais interessantes por meio do uso de ferramentas tecnológicas como o *Kahoot*, *Plikers*, *Wordwall*, dentre outras. Utilizo bastante tais ferramentas e percebo que isso desperta maior interesse em aprender, já que ninguém quer perder nas competições promovidas com uso dessas tecnologias. Sempre uso o *Kahoot* para revisar conteúdos antes das provas.

Confesso ter muita dificuldade com o uso de tecnologias, mas me dispus a aprender, buscando o melhor aproveitamento dos meus alunos. Apesar de ser muito trabalhoso preparar os jogos, depois de feitos eles podem ser utilizados inúmeras vezes.

Na minha caminhada de docente, trabalhei 3 anos no Cemeja Samuel Isaac Benchimol. Saí da escola porque, infelizmente, não houve demanda suficiente para que todos os professores permanecessem lotados nela.



O período que lá trabalhei foi de grande aprendizado e bastante desafiador, principalmente pela minha pouca experiência no magistério. A principal dificuldade era sensibilizar os alunos quanto a importância dos estudos e levá-los a terem interesse no que estava sendo ministrado. Alguns deles, não acreditavam mais em si mesmos e quando eu conseguia alcançá-los era muito gratificante, renovava a minha confiança.

Um elogio por uma pequena conquista, destacando que errando também se aprende, demonstrar que se importa com a pessoa e não somente com o aluno, tinha um efeito muito positivo. Apesar da pouca experiência, tive ótimos momentos na escola. O primeiro foi a premiação de aluno no concurso de redação “Conta um conto”, realizado pela Fundação Rede Amazônica. O aluno produziu um texto que foi considerado o melhor na categoria EJA. Isso foi muito estimulante.

Outros momentos marcantes foram quando os alunos tiveram a oportunidade de mostrar seu talento artístico por meio do canto, da dança, do teatro e tocando instrumentos. Os alunos do Cemeja são muito talentosos. Esse talento era demonstrado em vários eventos realizados no auditório da escola ou na própria sala de aula. Tínhamos a comemoração da Semana da Literatura Amazonense em que os alunos recitavam poesias, cantavam e tocavam músicas e produziam pinturas, tudo isso tendo como inspiração obras de autores amazonenses. Também tínhamos a Semana da Consciência Negra, Dia do Incentivo à Leitura, Festa Junina e várias outras atividades nas quais os alunos tinham a oportunidade de demonstrar seu lado artístico.

Atualmente, leciono na Escola Municipal Ana Maria de Souza Barros, que está localizada em uma zona vermelha da cidade. Os alunos vêm de uma realidade difícil, cheia de escassez em diversos níveis, mas quando estimulados, produzem ótimos resultados.



Na minha prática pedagógica tenho encontrado vários desafios, como por exemplo, o melhor uso de aplicativos de gamificação, tais como *Kahoot* e *Plikers*, isso se tornou imprescindível no período em que vivemos, para otimizar o processo ensino-aprendizagem. Acredito que o método tradicional não pode ser o único utilizado no processo educativo.

A sensibilização dos alunos quanto a importância da educação é outro desafio, pois alguns alunos, durante o período pandêmico, perderam o interesse pela escola, não enxergando mais como algo que possibilitará um futuro melhor e por isso foi necessário tornar o ambiente escolar mais atrativo.

Isso passa por torná-lo mais acolhedor, em que o aluno se sinta valorizado em suas especificidades. Também passa por inovação na forma de ensinar, pelo uso da tecnologia, da arte, do lúdico. Nesse sentido, a capacitação do professor é essencial, ele precisa estar em constante busca de crescimento, seja aprender com os colegas mais experientes ou por meio da educação formal. Se nos acomodarmos, todo o processo de ensino-aprendizagem fica prejudicado.

Trajetórias na formação continuada

A especialização me trouxe ferramentas para trilhar o caminho da superação desses desafios, desempenhando minha atividade com mais efetividade, alcançando um maior número de alunos. Possibilitou-me enfrentar com mais conhecimento o desafio de ser professora.

As principais ferramentas que essa especialização me trouxe foram a capacidade de refletir sobre a minha prática diária em sala de aula, formular questionamentos sobre o currículo escolar, que nem sempre está de acordo com a necessidade do aluno, tendo claro que, segundo a Unesco, a educação deve ser sustentada por quatro pilares: “aprender a ser, aprender a fazer, aprender a conhecer e aprender a conviver”.



Com base nesse conceito, a Educação é a construção sobre a qual a sociedade busca o desenvolvimento intelectual, social, além de nos tornar capazes de criticar e refletir sobre o conhecimento. Uma sociedade que investe nessa construção e em seus entes, tem como fruto, cidadãos mais críticos, solidários e conscientes de seus direitos e deveres.

O conhecimento, que às vezes é confundido com educação, é o que conseguimos apreender sobre algo. No contexto escolar, ele é medido por meio de avaliações que buscam identificar o quanto do que foi compartilhado do que foi apreendido. Mas os alunos têm formas diversas de aprendizagem e seria importante que sempre levássemos em consideração em nossa prática pedagógica, o que afirma Wanzeler (2014, p. 27),

A aprendizagem começa pela organização dos pontos de referências, nos quais os dados são percebidos no interior da teoria. Essa descrição é feita pelo impulso intuitivo recebido num instante em que experiência e sentido se amalgamam dando unidade ao conhecimento e, nesse caso, o sujeito compreende e aceita o sistema pelo qual ele o construiu e foi construído.

Ou seja, para que o conhecimento faça sentido e haja uma aprendizagem significativa é necessário que ele seja construído a partir da relação com o que o aluno já sabe e o conteúdo novo, dessa forma ele é mais bem aprendido. O conhecimento que o aluno tem do meio em que vive, sua cosmovisão, suas relações influenciam diretamente na forma de sua aprendizagem. Toda essa bagagem deve ser levada em conta no contexto escolar.

Contudo, nem sempre isso é possível, pois o currículo que é imposto às escolas é, muitas das vezes, descontextualizado da realidade do aluno, como consequência “há uma aprendizagem pouco significativa na educação das escolas do Amazonas”. Como professores precisamos fazer alguns ajustes na execução do currículo, a fim de torná-lo mais efetivo no que ele se propõe: desenvolver as habilidades e competências dos alunos nas diversas disciplinas.



Em vista disso, essa especialização foi mais efetiva do que formações que não consideram a realidade escolar. Ela proporcionou a “aproximação e articulação entre a escola e a universidade, visto que permitiu um encontro permanente com a realidade escolar”. As oficinas podem ser um meio pelo qual nos tornamos mais conscientes do nosso papel como professores, pois nos fazem refletir sobre a nossa prática, o que por vezes é deixado de lado devido às intensas demandas do cotidiano escolar. Esse papel nunca deve ser esquecido ou menosprezado, pois temos a responsabilidade de estimular o acesso aos mais diversos tipos de conhecimento, em vários níveis, na busca por uma sociedade mais solidária e empática, somos fundamentais na construção de valores em nossa comunidade.

No decorrer do curso tivemos várias disciplinas. No núcleo epistemológico, considero que a primeira disciplina denominada “A Escola, Currículo e o significado do trabalho docente” foi a mais marcante, pois me levou a refletir sobre a minha prática, isso havia se perdido, pois o “rodo cotidiano” me colocou no automático.

Esse “rodo” das cobranças por atingir metas, recuperar e aprovar alunos, cumprir o currículo em sua totalidade, dentre outros são bastante desgastantes. E esses momentos que passei em formação foram importantes para levar-me à reflexão sobre o meu fazer pedagógico. Tal prática reflexiva tornou-me uma profissional melhor.

Projeto Oficinas de Formação em Serviços/Pós-graduação em serviço

No decorrer da formação, a partir da identificação das principais dificuldades enfrentadas pelos professores do Cemeja, foram realizadas várias oficinas formativas. Essas dificuldades estavam relacionadas ao fato de os professores não conseguirem êxito em alfabetizar alunos que chegam à escola sem saber ler e ao letramento tecnológico, já que a Educação de Jovens e Adultos no Cemeja é híbrida, ou seja, parte presencial e parte a distância.



A primeira, que foi orientada pelo professor Zevaldo, tratou sobre o uso de tecnologias interativas aplicadas à educação. Nela, os professores tiveram a oportunidade de conhecer alguns aplicativos que permitem trabalhar a gamificação em sala de aula, tornando as aulas mais atrativas.

Os aplicativos que conhecemos foram os seguintes: *Kahoot*, *Plikers*, *Padlet*, dentre outros. Vale destacar que no período pandêmico o conhecimento de tais aplicativos poderia ter contribuído de forma significativa com o meu fazer pedagógico, pois eles nos permitem trabalhar conteúdos de forma online.

Também tivemos uma oficina que tratava sobre alfabetização e letramento. Nessa oficina aprendemos como utilizar a história de vida dos alunos no processo de alfabetização, tornando essa aprendizagem mais contextualizada com a realidade do discente. Tais oficinas contribuíram para o meu desenvolvimento profissional. Com elas aprendi a usar novas metodologias que tornaram a minha prática pedagógica mais produtiva.

As OFS e a construção e desenvolvimento do projeto de formação

O projeto formativo foi desenvolvido a partir de várias problematizações apresentadas pelos professores, as principais foram: Como alfabetizar estudantes que estão muito tempo sem estudar/ Que práticas metodológicas podem ser desenvolvidas no processo de alfabetização e letramento da EJA presencial e à distância/ Que aplicativos podemos utilizar para facilitar o trabalho dos professores da EJA/ Quais os aplicativos que são viáveis para o Cemeja nas aulas presenciais. A partir disso, foram propostas algumas oficinas:

- Alfabetização e letramento voltados para o ensino presencial;
- Alfabetização e letramento digital;
- Uso de aplicativos e novas mídias.



As oficinas tinham como objetivo geral promover uma educação efetiva e qualitativa para a EJA, em que o processo de ensino e aprendizagem estivesse embasado na alfabetização e letramento, inserindo os discentes nas tecnologias e aplicativos de uso digital.

Os objetivos específicos foram os seguintes:

- Desenvolver práticas metodológicas e recursos didáticos voltados para a Alfabetização e letramento presencial e à distância.
- Qualificar o professor para o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem da EJA.

As oficinas de formação em serviço foram propostas considerando as características distintas do Cemeja, pois lá há alunos comprometidos com a própria formação, apesar das adversidades, mas também há alunos desanimados, lutando para concluir o ensino fundamental. A escola já passou por momentos de crise, mas continua resistindo. É uma escola resiliente.

As OFS e a construção e desenvolvimento dos projetos de aprendizagens

O projeto de aprendizagem foi construído em equipe comandada pela professora Juliana e composta pelos egressos Ametista Santos, Ana Lúcia Mendes, Andreia Brasil, José Igor da Costa, Paulo Braga e Rubens Corrêa. Esses professores pertencem às mais diversas áreas do conhecimento e isso enriqueceu o nosso projeto, pois abordamos o assunto em diversas perspectivas, num movimento interdisciplinar e nos permitindo aprender num determinado aspecto sobre contextos diferentes de nossas áreas de conhecimento.

Como decidido pelos alunos do curso, o tema geral foi o Meio Ambiente. A partir do interesse das turmas com as quais iríamos trabalhar, nossa equipe definiu como subtema “Meio Ambiente: A água em números”. Tal escolha baseou-se na certeza de que compreender a importância da conservação da água é essencial para a



sobrevivência e o bem-estar das gerações presentes e futuras. Nesse sentido, um projeto ambiental sobre o tema água era imprescindível para promover a conscientização e ações concretas em prol desse precioso recurso.

O projeto teve várias etapas, como a realização de palestras, apresentação de tecnologias inovadoras no combate ao desperdício de água, uso de conceitos matemáticos em uma discussão sobre a água, oficina de reutilização de materiais sólidos/reciclagem e quiz interativo, utilizando o aplicativo *Kahoot*, com perguntas relativas ao conteúdo trabalhado.

A primeira etapa foi a realização de uma palestra intitulada “Água em números”. Essa atividade transcorreu no auditório da escola CEMEJA – Samuel Isaac Benchimol, na presença de todas as turmas do turno noturno da referida instituição. Nessa palestra, o professor José Igor procurou apresentar dados referentes à disponibilidade de água potável na cidade de Manaus, bem como o desperdício de água, que também ocorre na capital amazonense.

Continuando a execução do projeto, tivemos a apresentação de várias tecnologias que colaboram com a diminuição do desperdício de água. Essa palestra foi ministrada pela professora Ana Lúcia Mendes e foi desenvolvida com a apresentação de slides para que os alunos pudessem entender que desperdiçar água pode trazer muitos problemas para o nosso planeta, e que a melhor solução é usar alguns recursos disponíveis para economizar água. Realizamos também uma atividade na qual foram trabalhados dados numéricos referentes à água por meio de gráficos, o que permitiu apresentar informações complexas de maneira clara e objetiva.

Ao transformar dados numéricos em gráficos, é possível destacar padrões, tendências e relações entre variáveis de forma visualmente atrativa. Isso facilita a compreensão do estudante e ajuda a transmitir mensagens-chave de forma mais eficiente.



Para mostrar aos alunos que é possível reduzir a poluição de nossos rios, foi realizada uma oficina, na qual foram confeccionados artesanatos com garrafas pet e flores com papéis recicláveis. A participação dos alunos foi excelente. Como atividade de conclusão das atividades, fizemos um quiz interativo com perguntas relativas ao conteúdo trabalhado durante todo o desenvolvimento do projeto de aprendizagem. Os alunos foram levados ao laboratório de informática e participaram de um quiz utilizando o aplicativo *Kahoot*. Foi um momento em que os discentes mostraram que aprenderam o quanto a água é importante para nossa sobrevivência e deve ser usada de forma consciente, evitando desperdícios. Tal aprendizagem foi verificada a partir do grande número de acertos dos participantes do quiz.

A princípio, alguns alunos ficaram receosos em participar do jogo, por ser algo novo, desconhecido, mas logo que entenderam o funcionamento do aplicativo, ficaram muito empolgados, buscando a vitória. Como conclusão dessa atividade, a turma produziu cartazes a partir do que haviam aprendido durante toda a aplicação do projeto.

Ficou bem claro que os alunos haviam aprendido bastante sobre o tema trabalhado, inclusive colocando em prática o conhecimento adquirido. Um aluno citou que retirou algumas torneiras que eram utilizadas de forma inadequada em sua residência, causando desperdício. Por fim, a participação foi excelente.

A construção e execução desse projeto foi muito importante para a realidade do meu fazer pedagógico, pois pude perceber o quanto é produtivo trabalhar temas por meio da transdisciplinaridade. Essa metodologia permite ao aluno uma aprendizagem mais abrangente, contextualizada com a realidade.

Considerações finais

Existe uma professora antes e depois dessa especialização. Já tinha consciência da importância do meu papel na sociedade e isso foi potencializado a



partir da participação nas aulas ministradas pelas professoras Olindina e Carla Gonçalves e pelo professor Therêncio. Essas aulas despertaram em mim uma criticidade que estava adormecida, mas aos poucos foi se manifestando.

Além disso, as oficinas, o projeto de aprendizagem e a convivência com os professores e pedagogas do Cemeja foi de grande contribuição para o fazer pedagógico diário. Quando falo de contribuição, refiro-me não somente ao aprendizado adquirido nas oficinas, mas também ao que se refere à postura em sala de aula, ao compromisso de aprender constantemente, não se acomodar, buscar sempre mais. Pensando no meu desenvolvimento profissional e pessoal e o quanto isso contribui para que tenhamos uma educação de qualidade.

Essa Pós-graduação in loco, considerando a realidade diária do professor, é muito eficaz, já que as oficinas propostas são contextualizadas e não somente baseadas em conhecimentos abstratos, mas dialogam com as necessidades da escola na qual elas são realizadas.

Referências

AUSUBEL, D. P.; NOVAK, J.; HANESIAN, H. **Psicologia educacional**. Rio de Janeiro: Editora Interamericana, 1980.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, P.; SHOR, I. **Medo e ousadia**: o cotidiano do professor. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

WANZELER, E. B. P. Projeto oficina de formação em serviço: uma experiência de extensão, pesquisa e formação continuada de professores. *In*: WANZELER, B. P.; TRAJANO, E. A. (orgs.). **Oficinas de formação em serviço**: uma experiência transdisciplinar em formação de professores. Manaus: Editora Valer, 2014.



WANZELER, E. B. P.; FERREIRA, M. A.; MENEZES, M. Q. A. **Saberes e práticas:** os sentidos e os significados da transdisciplinaridade no processo de formação continuada de professores. *Manaus*, v. 1, n. 1, 2019.

WANZELER, E. B. P.; FERREIRA, M. A.; MENEZES, M. Q. A. Universidadeescola e a descolonização do currículo de formação de professores e professoras: complexidade, transdisciplinaridade e decolonialidade. **Revista Currículo sem Fronteiras**, v. 21, n. 3, p. 1071-1090, set./dez. 2022.